

O termo *diversidade* e seu deslocamento em portais de notícias: do discurso didático ao polêmico / *The Term Diversity (en. Diversity) and Its Displacement on News Portals: from Didactic to Polemical Discourse*

João Kogawa*

Débora Kogawa**

Indaiá de Santana Bassani***

RESUMO

Este artigo analisa os discursos polêmico e didático na materialidade do termo *diversidade* tal como circulou, de 2006 a 2022, em portais de notícias. Orientado teoricamente pela Análise do Discurso de linha francesa e metodologicamente pela ferramenta *AntConc*, o *corpus* indica uma mutação nos efeitos de sentido dominantes do termo-pivô na medida em que deixa de participar de uma estrutura completiva em *diversidade de espécies* para se tornar uma palavra intransitiva. Esse processo envolve uma transição e a coexistência com as estruturas *diversidade sexual* e *diversidade e* (no sintagma coordenado *diversidade e inclusão*). O didatismo atinente à descrição de *diversidade* em termos biológicos ou ambientais cede espaço à polêmica marcada pela ordem do dia da agenda identitária. Sem que uma forma apague a outra, este artigo demonstra que há uma apropriação do vocábulo pela economia de mercado.

PALAVRAS-CHAVE: *AntConc*; Discurso didático; Discurso polêmico; *Diversidade*; Sintaxe

ABSTRACT

This article analyzes the polemical and didactic discourses on the materiality of the term diversidade [diversity] as it has circulated, from 2006 to 2022, on news portals. Guided theoretically by French Discourse Analysis and methodologically by the tool AntConc, the corpus indicates a mutation in the dominant meaning effects of the pivot-term as it stops participating in a complete structure such as diversidade de espécies [diversity of species] to become an intransitive word. This process involves a transition and coexistence with the structures of diversidade sexual [sexual diversity] and diversidade (e.g., in the coordinated phrase diversidade e inclusão [diversity and inclusion]). The didacticism regarding the description of diversidade in biological or environmental terms is replaced by the controversy marked by the topicality of the identity agenda. Maintaining the coexistence of both terms, this article demonstrates that there is an appropriation of the word by the market economy.

* Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Programa de Pós-graduação em Letras, Departamento de Letras, Guarulhos, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>; kogawa@unifesp.br

** Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Guarulhos, São Paulo, Brasil; CAPES, nº processo: 88887.695580/2022-00; <https://orcid.org/0000-0003-0760-8177>; debora.kogawa@unifesp.br

*** Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Departamento de Letras, Campus Guarulhos, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6728-0460>; indaia.bassani@unifesp.br

KEYWORDS: AntConc; Didactic discourse; Polemical discourse; Diversidade/Diversity; Syntax

Introdução

A palavra *diversidade* está na ordem do dia. Deparamo-nos com ela em redes sociais, telejornais e discussões acadêmicas. A constância das aparições leva à naturalização de sua importância e, por extensão, dos sentidos possíveis atrelados ao lexema. Pode-se dizer que termos como esse servem de termômetro para o que é possível dizer e pensar em um determinado momento histórico, para posições dadas na conjuntura social.

Ao investigarmos mais de perto esse termo-pivô (Jean-Jacques Courtine, 2009) ao longo do tempo, percebemos um deslocamento do discurso didático para o polêmico, que altera substancialmente os efeitos de sentido a ele atinentes, apesar da evidência de que se trata atualmente de um termo atrelado à causa identitária. Com efeito, se considerarmos matérias *on-line* dos mais relevantes portais de notícias brasileiros, tais como *UOL*, *GI*, *Veja*, entre outros, antes de 2006, quase não há registros de notícias com ênfase nessa palavra. O cenário se altera quando o termo começa a proliferar como parte do discurso didático, que descreve *diversidade* do ponto de vista da Biologia e do meio-ambiente. De 2013 em diante, com a aumentada frequência do sintagma *diversidade sexual*, a ênfase deixa de ser o caráter natural/biológico da *diversidade* para designar uma condição identitária. Nesta última condição, por vezes, *diversidade* vem acompanhada pela palavra *inclusão*.

Com base nessa alternância de ênfase, este artigo propõe uma análise dos discursos didático e polêmico – com ênfase neste último – pela materialidade do termo *diversidade* à luz da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa. Nosso objetivo é descrever e interpretar efeitos de sentido de uma ruptura que substitui a construção *diversidade de* (predominantemente articulada por uma preposição ao nome plural *espécies* até 2012) pelas variações *diversidade sexual*, *diversidade e* (estrutura coordenada com o nome *inclusão*) e, por fim, simplesmente *diversidade* (nas ocorrências mais recentes – de 2017 a 2022), em que se realiza intransitivamente. Para amparar a descrição morfossintática, nos valem do modelo de representação estrutural X-barra

introduzido no âmbito da Teoria Gerativa. Na sistematização do *corpus*, valemo-nos do *software AntConc* como ferramenta auxiliar de pesquisa textual.

1 Sobre teoria e método: o termo *diversidade* em matérias *on-line*

Dentre outras ambições, a AD almejava elaborar um dispositivo não subjetivo de leitura, para o qual o computador serviria de ferramenta auxiliar. Uma crítica a essa ideia pode ser encontrada em Denise Maldidier (2003, p. 21): “[...] o dispositivo da análise do discurso se quer um instrumento científico; ele é o primeiro modelo de uma máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade”.

Por um lado, há um descompasso entre a teoria e a prática. No final dos anos 1960, “[a] teoria do discurso, ainda que a expressão não figure com todas as letras, está ainda por nascer” (Maldidier, 2003, p. 21). Por outro lado, em que pesem os desenvolvimentos ulteriores da teoria do discurso, um aspecto do fazer analítico continuou insuperável: há um *corpus* a ser construído e uma etapa “braçal” inerente à AD. Do agrupamento genérico de textos guiado por macro parâmetros – “regularidade temática” ou “objetos de discurso”, por exemplo – à sistematização final do *corpus*, há um trabalho de sequencialização – sem isso, não há que se falar em “trabalho com a materialidade” – de seqüências discursivas (SDs) a ser feito.

Há ganho substancial nesse processo de montagem do *corpus* se utilizarmos *softwares* como o *AntConc*¹, que podem gerar seqüências discursivas orientadas pela questão de pesquisa. Nesse sentido, após superadas algumas dificuldades teóricas, como o idealismo cientificista inaugural da AD e a crença em uma leitura não subjetiva, entendemos que não se deve desprezar o papel das novas tecnologias como ferramenta auxiliar no tratamento do *corpus*. Isso não significa que, com o uso de *softwares*, eliminaremos a equivocidade própria do discurso e da interpretação, ou ainda que, só seria válida a análise que se apoiasse em uma noção inequívoca de dados quantitativos. Sem nos deixarmos seduzir pela “exatidão dos dados”, entendemos que

A constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa

¹ <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.

forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa (Courtine, 2009, p. 54).

Duas etapas, portanto, no fazimento da AD: a orientação teórica da pesquisa pautada na concepção anti-empirista e anti-humanista do discurso, do sujeito e da história, e a coleta, armazenamento e tratamento das SDs à luz da questão teórica. É nesta última etapa – que poderia ter sido feita apenas manualmente, mas que nos arriscamos a articular com o tratamento automatizado – que recorreremos, em um primeiro momento, à *WEB* – a circulação de notícias, hoje, se dá predominantemente por meios digitais – e, em um segundo momento, ao *AntConc*.

Diversidade desempenha o papel de termo-pivô, pois assegura a unidade estrutural e temática das sequências discursivas:

A seleção sob a forma de um termo-pivô de um tema de discurso é, portanto, de fato, uma questão que visa a identificar no discurso um elemento determinado com base em um saber definido *a priori*. [...] Desse modo, o *corpus* construído torna-se modelo do discurso e o conjunto de frases de base extraídas a partir dos temas de discurso (que refletem os pressupostos das questões do analista) induz a uma configuração do conteúdo do discurso, sob a forma de uma certa organização lexical interpretada em termos de configuração ideológica: o que os procedimentos de seleção de termos-pivô recobrem é uma inferência não controlada entre julgamentos de saber do analista e elementos de saber próprios a uma formação discursiva dada (Courtine, 2009, p. 155-156).

Inicialmente, buscamos em www.google.com.br as dez primeiras matérias *on-line* resultantes da pesquisa pelo termo-pivô (Courtine, 2009) *diversidade*. Isso gerou um total de 170 matérias de 2006 a 2022. A busca em anos anteriores (2005, 2004 etc.) não gerou resultados relevantes, e por isso, o período selecionado parte do ano de 2006. Para apreendermos a mutação sofrida na passagem do discurso didático (diversidade biológica) para o discurso polêmico (diversidade identitária), dividimos o material em três períodos, a saber, de 2006 a 2012; de 2013 a 2016; de 2017 a 2022. Essa divisão foi necessária porque, se as matérias fossem lançadas em bloco no software *AntConc*, o termo *diversidade* apareceria massivamente como intransitivo ou coordenado na estrutura *diversidade e inclusão*, o que significaria uma distorção na medida em que isso só se dá pelo efeito de universalização gerado especialmente a partir de 2017.

Após extraídas pelo *AntConc*, rastreamos a estrutura de maior ocorrência no parâmetro *N-Gram* em cada divisão do *corpus*. Efetivamente, até 2012, predomina a forma que contém o termo-pivô *diversidade* seguido pela preposição *de* mais termo que especifica o tipo de diversidade: *diversidade de x*.

Ref ² .	Contexto anterior	Palavra-polo	Contexto posterior
2006 2	É claro que não dá para comparar a	diversidade de	espécies do fundo da mina com a que
2006 5	interessante é que essa abrangência ambiental se reflete numa grande	diversidade de	espécies no espaço e no tempo.
2010 5	Segundo pesquisadora, essas regiões são mais ricas em	diversidade de	espécies que certas áreas tropicais
2007 1	Conheça um pouco da	diversidade de	paisagens da Europa em trecho do "Guia Visual
2007 8	Purus-Madeira é quase certamente o dono da maior	diversidade de	vida da Amazônia,
2007 8	As razões para tanta	diversidade de	vida também ainda são misteriosas.
2007 10	ter noção da amplitude de áreas de trabalho e da	diversidade de	ambientes desse profissional das ciências da Terra...
2010 8	A Baía da Ilha Grande abriga imensa	diversidade de	animais e plantas.
2008 6	o fato de que as mãos das mulheres têm maior	diversidade de	bactérias que as dos homens"...
2010 10	A	diversidade de	compostos químicos presentes nas esponjas coloca esses animais
2009 8	Amazônia tem a maior	diversidade de	doenças tropicais.
2011 3	Banda de Ipanema desfila	diversidade de	estilos e gêneros no Rio Idosos, jovens, crianças,
2012 9	foco de estudo é o levantamento através do inventário da	diversidade de	insetos aquáticos da região, conhecendo a biologia e
2010 10	é feita por meio de simbiose, contando com a imensa	diversidade de	micróbios que vivem dentro das esponjas e são
2010 1	Recife recebeu neste domingo (12) a 9. ^a Parada da	Diversidade de	Pernambuco. Organizada pelo Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais,
2009 8	Cultura dos povos da floresta ajuda cientistas e encontrarem vegetais.	Diversidade de	plantas e animais pode esconder cura para várias
2006 10	as aves -- concentrado em proteger áreas específicas que têm grande	diversidade de	pássaros -- falhará, porque a mudança climática forçará muitas
2009 5	fácil ir aos brinquedos sem tanta fila ou confusão. A	diversidade de	público, obtida com a manutenção das atrações tradicionais
2010 5	Segundo Lúcia, acreditava-se que, em águas profundas haveria menos	diversidade de	seres vivos, por causa do escuro e do
2007 2		Diversidade de	sotaques dá tom em 'Duas caras' Novela tem
2011 1		Diversidade de	templos e crenças põe DF na rota do
2008 5	cativeiro de zoológico, uma área bem ampla e com grande	diversidade de	árvores. O bicho-preguiça se alimenta de várias
2012 1	noite desta segunda-feira (10), em São Paulo, o Mister Brasil	Diversidade de 2012.	O catarinense Felipe Zabloski superou os outros 19 candidatos

Quadro 1. SDs 2006-2012. *Diversidade de* – Discurso didático (Diversidade biológica). Fonte: elaboração própria.

² Cada matéria é identificada, no *corpus* completo disponível em <https://drive.google.com/file/d/1t9tH7n922u4VvpYyGdIWgu3cZAUyKJOT/view?usp=sharing>, por ano e número. Na primeira referência, por exemplo, o leitor recorrerá, no *corpus* completo, à matéria 2 (dois), do ano de 2006, para encontrar a SD “É claro que não dá para comparar a diversidade de espécies do fundo da mina com a que...”.

Para o período 2013-2016, predomina a estrutura *diversidade sexual*, uma especialização de transição que prepara a intransitivização do termo *diversidade* à medida que o discurso polêmico avança. As construções típicas das SDs extraídas do *AntConc* encontram-se no quadro 2 a seguir:

Ref.	Contexto anterior	Palavra-polo	Contexto posterior
2015 1	Ao completar três anos, Museu da	Diversidade Sexual	reedita primeiras exposições.
2015 7	edição do Recifest, festival que vai exibir 33 filmes dedicados à	diversidade sexual	e de gênero.
2016 10	Um tópico é dedicado exclusivamente à	diversidade sexual	e de gênero e à luta contra...
2014 7	Mangueira homenageou	diversidade sexual	em alas e carro.
2016 10	Parentes divergem sobre ensino de temas ligados à	diversidade sexual	em escolas.
2016 9	Falar de	diversidade sexual	é falar sobre igualdade...
2016 9	Segundo Bornier, a discussão sobre	diversidade sexual	é prematura para crianças do 1º e 2º...
2016 10	seriam os instrumentos corretos para decidir se a discussão sobre	diversidade sexual	deve ser feita nas escolas.
2014 6	o Museu da	Diversidade Sexual	ganhará novas instalações e será transferido para...
2014 6	no casarão a gente começa a falar dessa questão da	diversidade sexual,	da comunidade LGBT, contando a história dessa comunidade,
2015 4	apresentar a pluralidade de ser, não só no sentido da	diversidade sexual,	mas da diversidade étnica, social e todas as
2014 6	do Casarão Franco de Mello, futura sede do Museu da	Diversidade Sexual,	na Avenida Paulista. O contemplado receberá um prêmio
2016 10	estadual e municipal de educação, de previsão sobre discussão de	diversidade sexual.	Ao aprovar os planos, as bancadas cristãs conseguiram
2015 4	longa-metragens com objetivo de ampliar o debate sobre a	diversidade sexual.	O encerramento será na Pedra da Cebola, no
2015 7	Recife recebe festival de cinema dedicado à	diversidade sexual	Recifest será realizado de terça (17) a sábado, no
2016 10	Ela desconfia, entretanto, da iniciativa das escolas de falar sobre	diversidade sexual. “	A escola diz que é para ensinar, mas
2013 7	e Saúde, e membros do Conselho Municipal de Atenção a	Diversidade Sexual/	CADS. E no encerramento, no domingo (1º), está
2015 1	Ao completar três anos, Museu da	Diversidade Sexual	reedita primeiras exposições
2015 7	edição do Recifest, festival que vai exibir 33 filmes dedicados à	diversidade sexual	e de gênero. A mostra será realizada no
2016 10	estudantes”, diz o documento. Um tópico é dedicado exclusivamente à	diversidade sexual	e de gênero e à luta contra o
2014 7	fala de diversidade tem beijo gay na dispersão Mangueira homenageou	diversidade sexual	em alas e carro. Escola foi a quarta

Quadro 2. SDs 2013-2016. *Diversidade sexual* – Discurso polêmico (Diversidade identitária). Fonte: elaboração própria.

Para o período 2017-2022, predomina o uso intransitivo de *diversidade*. O funcionamento, neste último caso, oscila entre uma construção nominal coordenada estável *diversidade e inclusão*, e uma outra, em que *diversidade* funciona isoladamente

com contexto posterior imediato não vinculante, tal como *diversidade e + prep.* + *N* (*diversidade e com referência à causa* – 2021 5), *diversidade e + verb.* (*diversidade e reflete* – 2021 9), *diversidade e + pron.* (*diversidade e isso* – 2021 7). Importante ressaltar que, mesmo na estrutura mais estável marcada por *diversidade e inclusão*, não há co-dependência sintática entre as duas palavras, mas um funcionamento discursivo que as coloca em paralelo.

Ref.	Contexto anterior	Palavra-polo	Contexto posterior
2020 10	O debate em torno da	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão nas</i> organizações vem ganhando espaço nos últimos
2020 10	Para explicar o que é	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão nas</i> empresas, de forma geral, a diversidade
2022 4	Encontro promete debater a importância da	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão nas</i> empresas
2022 9	Para a organização, esforços e investimentos corporativos, em prol da	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão nas</i> organizações, podem fazer enorme diferença não
2020 10		<i>Diversidade e</i>	<i>inclusão nas</i> empresas: por que é importante pensar...
2022 9	Ações de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão no</i> mundo corporativo trazem impactos positivos.
2022 7	Modo escuro Lina Pereira: cantora irá apoiar as práticas de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão da</i> Ambev
2018 3	Eles têm de estar mais preparados, trabalhar as competências de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão e</i> identificar as qualidades que precisam ter
2020 10	e crescimento organizacional, como comenta Beatriz Santa Rita, consultora em	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão e</i> sócia fundadora da Diverse, uma empresa
2021 10	Com	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão não</i> pode ser diferente”, ressalta. “É importante
2021 10		<i>Diversidade e</i>	<i>inclusão não</i> é moda. É uma tendência que
2020 10	Pensar em	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão é</i> também pensar de forma estratégica, agregando
2021 9	"Para Ricardo Sales, um bom profissional de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão é</i> resultado da interação entre três dimensões:
2021 9	Para liderar a pauta de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão dentro</i> de uma empresa, é importante falar
2022 4	população negra esbarra em discriminação, diz especialista O Head de	<i>Diversidade e</i>	<i>Inclusão na</i> B3, Alexandre Kiyohara, que também estará
2018 3	“Nas pesquisas,	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão passaram</i> a ser estudadas pelo modo como
2022 4		<i>Diversidade e</i>	<i>inclusão tem</i> sido um assunto recorrente nas grandes
2021 7	No entanto, a companhia não abre os projetos de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão, e</i> afirma que “tem a aspiração para
2022 4	e políticas pró-cultura inclusiva; o papel da liderança na	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão, entre</i> outros temas. “2023 será o ano de
2021 10	“Neste momento, as empresas se tocaram da importância da	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão, mas</i> ainda falta investimento e entender que
2019 7	mostram que, embora as empresas estejam preocupadas com temas como	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão, muitas</i> das iniciativas não geram o impacto
2020 10	Cada empresa precisará compreender o seu desafio de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão, se</i> orientar por dados e não fazer
2021 10	71% das empresas ainda não possuem política de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão, segundo</i> levantamento feito pelo Mais Diversidade, referência
2021 9	é tão possível quanto sua dedicação para aprender questões de	<i>diversidade e</i>	<i>inclusão. O</i> caminho clássico é comprar livros e

2022 4	de pessoas negras no grupo para 24%. “Queremos ser referência em	diversidade e	inclusão. O nível de maturidade que alcançamos impactou
2022 9	avanço significativo para a compreensão da abertura das instituições à	diversidade e	inclusão. De 2020 a 2022, mais de 60 mil colaboradores foram
2018 3	O mundo está olhando para isso hoje,	diversidade e	inclusão.
2021 10	que responderam à pesquisa, todas têm alguma ação voltada para	diversidade e	inclusão. Quando a pergunta é sobre a presença
2017 2	as hipóteses alegadas sobre o gênero”, ela afirma que “a	diversidade e	a inclusão são uma parte fundamental dos nossos
2017 3	último final de semana em rede interna da empresa “A	diversidade e	a inclusão são partes fundamentais de nossos valores
2021 3	não apenas à comunidade LGBTQI+. Ele enfatiza o respeito à	diversidade e	a inclusão deste segmento na nossa sociedade”, destacou
2020 2	O objetivo das mudanças, segundo a academia, é incentivar a	diversidade e	a representação equitativa na tela e nos bastidores,
2021 3	SP vai investir R\$ 40 milhões na ampliação do Museu da	Diversidade e	na criação de dois novos museus para entrega
2018 3	Outra empresa que também aposta na	diversidade e	na inclusão é a Natura, gigante brasileira do
2021 9	Mulher branca é maioria como líder de	diversidade e	reflete estrutura empresarial, diz pesquisa.
2020 7	Grupo Companhia das Letras anuncia editor de	diversidade e	ações inclusivas Editora informou que realizará um censo
2018 8	LGBTs em uma empresa é uma forma de abraçar a	diversidade e	buscar um mundo melhor? E o quanto é
2021 5	Flamengo lança camisa em defesa da	diversidade e	com referência à causa LGBTQIA+ Uniforme com bandeira
2018 8	como o Brasil, as pessoas não entendem a importância da	diversidade e	da inclusão.
2018 8	ser benéfica. É o papel das multinacionais, desses grupos de	diversidade e	de pessoas que vivem essa realidade mostrar às
2021 10	das empresas com atuação em Minas Gerais possuem programa de	diversidade e	inclusão 17,6% têm uma gerência ou setor exclusivo para
2022 7	como Linn da Quebrada, é a mais nova Consultora de	Diversidade e	Inclusão (D&I) da fabricante de bebidas.
2017 7	comercial mostra o ponto de vista da empresa, que inclui	diversidade e	inclusão. “Nós lutamos por diversidade, inclusão e igualdade
2021 10		Diversidade e	inclusão: muito além do discurso
2019 1	Natura cria campanha a favor da	diversidade e	internautas promovem boicote
2021 7	“Buscamos mais	diversidade e	isso vai nos ajudar a lidar melhor..
2018 3	Callegaro, sócia da McKinsey Brasil, explica que a relação entre	diversidade e	lucro é percebido no mundo todo e, por
2021 1	é mais uma ferramenta importante para proteger a população, a	diversidade e	os direitos das minorias no Estado de São
2020 7	tarde desta terça-feira (28), a contratação de um editor de	diversidade e	outras ações inclusivas. Entre elas, a realização de
2017 10	nem discutir o tema, não têm políticas que promovam a	diversidade e	retenham esse indivíduo. Não são capazes de trazer
2018 2	Pablo Vittar encerra 17ª Parada da	Diversidade e	reúne mais de 100 mil em Teresina
2017 3	As sugestões dadas por ele incluem, por exemplo, desmoralizar a	diversidade e	também ampliar a diversidade de pontos de vista — “
2021 8	Danese Mega-Sena The Town Burger King faz campanha pela	diversidade e	é defendido e atacado nas redes sociais Campanha ”
2022 7	a Ambev firmou um compromisso público com o respeito à	diversidade e,	desde então, tem realizado uma série de ações
2022 8	coleção pública de obras de arte do Centro Cultural da	Diversidade e, “	inspirada na música ‘Sangue Latino’, da banda Secos &

Quadro 3. SDs 2017-2022. *Diversidade e* – Discurso polêmico (Diversidade identitária). Fonte: elaboração própria.

2 Diversidade nos discursos didático e polêmico: condições históricas de uma ruptura

Em obra recente, João Kogawa e Anderson Salvaterra Magalhães (2024, *no prelo*) agrupam uma série de estudos que problematizam o paradigma neoliberal como uma grade generalizada que faz circular e significar sentidos atinentes a uma série de práticas e dizeres. Mais recentemente, uma proliferação constante de palavras fetichizadas tem atendido não apenas a causas sociais legítimas, mas a demandas de mercado. Aliás, não parece haver hoje, para certos termos-pivô, uma fronteira clara entre causa e mercado. Termos como *empatia*, *acolhimento*, *gatilho*, *tóxico*, *diversidade*, *(não) é sobre x*, entraram na ordem do dia de postagens de rede social, matérias de jornal etc. Há um vocabulário na paisagem verbal hodierna em que o encadeamento de dizeres forma conglomerados de clichês em que sobressaem estruturas como *É preciso ter empatia*, *O gatilho para x é...*, *X é uma pessoa tóxica*, *Precisamos falar sobre diversidade* etc.

Marília Amorim (2007) aborda a condição sócio-histórica da pós-modernidade, destacando o surgimento do “saber Métis”, caracterizado pela autonomização em que nem o saber arcaico (*Mythos*) e nem o científico (*Logos*) prevalecem na sociedade como meio de se adquirir conhecimento. A emergência de um *novo mundo* traz consigo novas políticas, que influem na forma de gerir e pensar o que é comum a todos, logo, é por meio da linguagem que isto também ocorre. Acrescenta-se a esta reflexão a conexão que David Harvey (2014) faz entre o neoliberalismo e a crescente demanda por direitos universais. O autor enfatiza a eficácia do universalismo em questões globais como mudanças climáticas e preservação da biodiversidade, mas salienta as dificuldades ligadas à universalidade quando confrontada com a variedade de circunstâncias político-econômicas (direitos humanos) e práticas culturais existentes no mundo.

A dinâmica das redes sociais mundializa expressões no quadro de um capitalismo de vigilância, de acordo com Shoshana Zuboff (2020), que funciona por engajamento. Quanto mais determinadas expressões reverberam, mais engajamento é produzido, seja sob a forma de *likes*, seja sob a forma de comentários positivos ou negativos:

[...] o conteúdo é uma fonte de superávit comportamental, já que é o comportamento das pessoas aquilo que fornece o conteúdo, assim como seus padrões de conexão, comunicação e mobilidade, seus pensamentos e sentimentos, e os metadados expressos em seus *emoticons*, pontos de

exclamação, listas, contrações de palavras e saudações (Zuboff, 2020, p. 134).

Isto é, a *notícia*, a *informação*, a *verdade divulgada* não apenas satisfazem uma demanda por conteúdo, mas instam o usuário, em nome da *interatividade* e da *coparticipação*, a manifestar seus interesses, anseios, crenças e opiniões. O termo *diversidade* faz parte dessa dinâmica desde 2006, mas uma especialização do paradigma neoliberal pautada no liberalismo identitário (Mark Lilla, 2018) reconfigurou o pertencimento do termo, que migrou das colunas dedicadas ao meio-ambiente, à ciência e à biologia, para as colunas de economia e cultura. Efeito de uma demanda social, mas também de um funcionamento de mercado que capitaneia engajamento.

De acordo com Eric Hazan (2006), a repetição de certas palavras joga com a obliteração de determinados sentidos em função de outros. Inconscientemente, a saturação de termos-chave leva à incorporação irrefletida de crenças pela estabilidade promovida por essa lógica neoliberal. Com efeito, a aparição recorrente de certas palavras na mídia – especialmente, para o que nos interessa, no âmbito jornalístico – não deve ser interpretada como compromisso com *a verdade*, mas como sintoma de processos discursivos em funcionamento.

Fruto da pós-modernidade, a saturação de determinadas palavras-chave em veículos midiáticos leva a uma fetichização da palavra, ou seja, a palavra passa a ter, em certa medida, uma função de mercadoria. Empresas, instituições educacionais e jornais, por exemplo, mais que vender *produtos*, *promovem x*, em que *x* é uma palavra do momento. Para este artigo, interessam-nos os efeitos de sentido da palavra *diversidade* entre os anos de 2006 e 2022.

O discurso polêmico, particularmente após 2016, a um só tempo condiciona a posição reivindicatória de grupos identitários, mas também o recenseamento da identidade pelo mercado. Desde que *diversidade* deixou de ser um lexema atinente ao discurso didático descritivo das ciências naturais, vinculou-se aos campos semânticos de raça, gênero e sexo para daí converter-se em objeto empresarial captador de engajamento. Por extensão, o sentido de “ser diverso” carrega o de “ser democrático” em uma conjuntura neoliberal que se, por um lado, faz circular efeitos de uma luta pela igualdade, por outro, fetichiza o termo *diversidade* como atributo pelo qual se deve pagar.

Em sua *arqueologia do neoliberalismo*, Michel Foucault (2022) demonstra como a passagem do liberalismo clássico dos séculos XVIII-XIX para o neoliberalismo implica a generalização da noção de empresa. Nesse sentido, todo e qualquer indivíduo será visto como uma pequena empresa e a inserção de um tipo social é a ampliação das forças produtivas a nível do engajamento individual. Contra certo senso comum atual, essa posição está longe do conservadorismo a que temos assistido no Brasil e no mundo. No sentido moderno, para o filósofo francês,

[s]er liberal não é, portanto, em absoluto, ser conservador, no sentido da manutenção dos privilégios de fato resultantes da legislação passada. É, ao contrário, ser essencialmente progressista no sentido de uma perpétua adaptação da ordem legal às descobertas científicas, às mudanças de estrutura da sociedade, às exigências da consciência contemporânea (Foucault, 2022, p. 217-218).

As pautas identitárias, a reivindicação por igualdade e a polêmica bandeira pela inserção do indivíduo em empresas pelo critério identitário não está em desalinhamento com o paradigma neoliberal. Ao contrário, é um dos efeitos dele na medida em que a grande mídia reverbera o argumento de que diversidade é indicativo de maior potencial lucrativo, conforme analisaremos adiante. *Diversidade* deixou de ser um termo descritivo-designativo para se tornar, a um só tempo, palavra de ordem e *selo de qualidade*. Não necessariamente esse *selo de qualidade* garante uma melhor oferta de serviço ao consumidor, mas alinha a empresa com a agenda neoliberal mais recente, tanto quanto outros rótulos como o *ESG (Environmental, Social and Governance)*.

No contexto neoliberal, a *WEB* – e os dispositivos móveis que lhe garantem uma existência *prêt-à-porter* – torna-se lugar quase exclusivo de acesso à informação, de entretenimento e de interação. Esse funcionamento justifica nossa opção pela coleta de material em portais de notícias, já que a mídia tradicional, notadamente, os jornais impressos, estão cada vez mais em desuso. As propriedades sintáticas e discursivas do termo *diversidade* metamorfosearam-se ao longo de quase duas décadas, e um rastreamento disso só poderia ser feito – tanto do ponto de vista empírico da montagem do *corpus* quanto do ponto de vista da pertinência quanto aos modos de circulação – acompanhando as matérias disponíveis *on-line*.

O discurso polêmico funciona pelo silenciamento do argumento de que o critério de seleção para um posto de trabalho deveria ser a competência técnica do trabalhador.

Esse é o embate acirrado que a bandeira da *diversidade* precisa vencer. Algumas estruturas linguísticas adjacentes ao termo-pivô – para além da pouca ênfase e, por vezes, do silêncio quanto à competência técnica – intensificam esse funcionamento, tais como determinativas do tipo *É o papel das multinacionais...*; paralelismos com verbos no infinitivo (*verb. Inf. + x + é + verb. Inf. + y*) como em *Pensar em diversidade e inclusão é também pensar...* ou *Para liderar... é importante falar...*; locuções prepositivas do tipo *em prol de*, que parafraseiam *Em favor de*, *Em defesa da* etc.; e variações da modalidade deôntica, como em *tem de estar*, *precisam ter*, *não pode ser*, *é importante + verbo no infinitivo* etc.

O foco da nossa análise recairá, a seguir, sobre as propriedades gramaticais do substantivo *diversidade*, na medida em que a coordenação (*diversidade e*) e a ausência/presença de complemento nominal (*diversidade*, *diversidade sexual* ou *diversidade de*) indicam maior ou menor indexação ao discurso polêmico. Sob essa ótica, quanto maior a intransitividade, mais próximo do polêmico; quanto maior a transitividade, mais próximo do didático.

3 Língua, discurso e efeitos de sentido de *diversidade* na mídia *on-line*

A passagem do discurso didático para o polêmico deve ser entendida em termos relativos. Neste artigo, não defendemos que as novas formas de significar o termo *diversidade* excluam as formas anteriores, ou seja, o fato de, cada vez mais, *diversidade* ser um problema “empresarial”, não significa que questões pertinentes à diversidade biológica tenham desaparecido ou se tornado menos importantes. O que diagnosticamos na análise, em termos de dominância, é uma ruptura significativa em que o termo-pivô passa a ser apropriado pelo discurso polêmico na mídia *on-line*. De acordo com Jean Dubois:

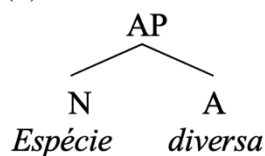
O discurso didático “informa”, isto é, formula asserções que não se opõem a outras asserções; não há confronto. [...] os discursos didáticos não comportam fatores melhorativos ou pejorativos no sistema de conotações lexicais que se acha nos discursos polêmicos (Dubois, 1997, p. 109).

Diante dessa definição, como entender o material midiático *on-line* como realização do discurso didático? Partamos da estrutura dominante no parâmetro *N-Gram* do *AntConc*, a saber, aquele que gerou como resultado mais significativo a estrutura *diversidade de*. Em relação à descrição de seu estatuto gramatical, *diversidade* pertence à categoria de substantivo feminino. Semanticamente, descreve uma qualidade do que é diferente, diverso, variado. Morfologicamente, trata-se de uma palavra complexa, cuja estrutura se compõe da base adjetival *diverso* e do sufixo formador de nomes abstratos -*dade*. Desse modo, a palavra *diversidade* pode ser descrita sincronicamente como um substantivo (ou nome) deadjetival.

Em outras palavras, em sua estrutura derivacional, o substantivo *diversidade* contém o adjetivo *diverso*, um predicado que denota uma propriedade que, via de regra, se atribui a um argumento realizado por um substantivo. Assim, *diverso* é um predicado, que denota qualidade atribuída a um substantivo, tal como nos exemplos a seguir em que há frases adjetivais. Para fins de explicitação de tais propriedades estruturais sintáticas compartilhadas pelos exemplos em (1), nos valem dos expedientes descritivos da teoria X-Barra (Noam Chomsky, 1970; András Kornai; Geoffrey Pullum, 1990; Carlos Miotto *et al.*, 2013). Em (2) observa-se uma frase adjetival³, cujo núcleo é um adjetivo (A, predicado semântico e núcleo sintático), que toma um argumento especificador nominal (N, Nome).

- (1) a. Espécie diversa.
b. Ambiente diverso.
c. Sexo diverso.
d. Genes diversos.

(2)



Com a formação do nome adjetival *diversidade*, desfaz-se a possibilidade da estrutura sintática de modificação direta, em que substantivo é diretamente modificado pelo adjetivo. Apresenta-se, então, a necessidade da adição de mais camadas funcionais

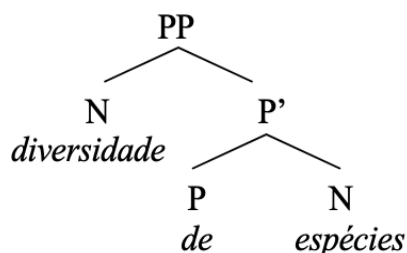
³ AP, do inglês *adjectival phrase*.

para relacionar a propriedade semântica do que é diverso ao referente, seja pela presença de uma preposição funcional, tal como *de*, ou pela adição de um outro sufixo relacional formador de adjetivos, tal como *-al* ou *-ico*, como se observa nos exemplos em (3).

- (3) a. Diversidade de espécies.
- b. Diversidade de ambiente/ambiental

Tal estrutura complexa, em que há complementação semântica da palavra *diversidade* por expedientes morfossintáticos, em especial pela adjunção de frases preposicionais⁴, representado abaixo em (4), (e.g., de espécies, de ambiente), subjaz o funcionamento desta palavra no discurso didático (ver *Quadro 1*).

(4)



Nesse cenário, há uma solidariedade estrutural entre termo e complemento própria do saber biológico que, e por sua função didático-explicativa, ensina, descreve e informa sobre entes do mundo natural. Em outras palavras, quanto mais complexa a estrutura linguística, mais próximo do didático em nossa amostra. Historicamente, isso se dá fundamentalmente no primeiro eixo temporal do nosso *corpus*, ou seja, nas SDs extraídas de 2006 a 2012. Com efeito, por contraste com o que se dá posteriormente, a apropriação de *diversidade* pelo discurso didático é um modo de pedagogização da natureza sob a égide da informatividade. Somos interpelados por um “Ei, isso existe! Vejam como o mundo é rico!” Não afirmamos, com isso, que a ideologia está ausente nesses enunciados; o que defendemos é que esse tipo de *ideologia técnica* é sintoma da ênfase ao mundo natural. Isto é, o próprio recorte indica uma sensibilidade sócio-histórica distinta da que se apresentará após 2012, quando *diversidade* caminhará para o âmbito do discurso

⁴ PP, do inglês *Prepositional phrase*.

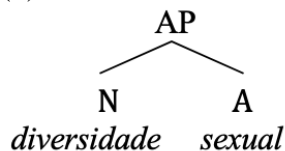
polêmico. Nesse sentido, as SDs do *Quadro 1* são marcadas pelo “ideal das coisas a saber” (Michel Pêcheux, 1997), ou seja, pelo óbvio desejável e indispensável. Daí a recorrência de verbos como *reflete*, *conheça*, *abriga*, bem como estruturas constatativas centradas no verbo *ser*. Mais que isso, por contraste com o discurso polêmico, é notória a ausência das palavras de ordem e de incitação à ação, conforme descreveremos a seguir.

Dubois afirma que o discurso polêmico “[...] é assim construído sobre asserções opostas, negação do enunciado do outro; como incitação à ação, ele comporta também um número importante de *performativos* (vamos, façamos etc.)” (Dubois, 1997, p. 109). Em nosso *corpus*, o *Quadro 2* indica uma transição, ou seja, uma fase de *polêmica mais atenuada*, em que a estrutura linguística ainda guarda um espaço preenchido à direita. Já estamos no âmbito do discurso polêmico, mas em sua *fase atenuada*, que vai de 2013 a 2016 (*Quadro 2*).

A primeira alteração a ser observada é a queda da frequência de estruturas com preposição. Onde líamos, pelo funcionamento do discurso didático, *diversidade de genes*, *espécies...* etc., passamos a ler *diversidade sexual*. Com essa mutação, emergem efeitos de incitação à ação, de apelo ao dever, de ideal e, em certa medida, uma moral. No entanto, isso se dá, ainda, na ordem da menção. O tempo da *diversidade sexual* ainda é discreto, informativo, pouco desiderativo. A título de ilustração, observem-se as estruturas com adjetivos complexos (e.g., *sexual*, *genética* etc.) que funcionam como predicados que tomam o nome *diversidade* como especificador, representado em (6).

- (5) a. *Diversidade sexual*
- b. *Diversidade genética*.

(6)



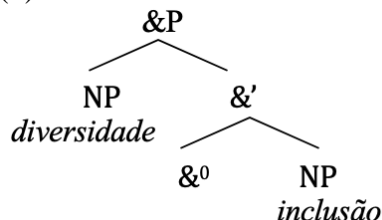
No *Quadro 2*, o que se apresenta é a *simples menção* como algo que está na ordem do dia. O museu *reedita as primeiras exposições*, *Um tópico é dedicado à diversidade sexual*, *Mangueira homenageia diversidade sexual...* etc. Apesar disso, o deslocamento fundamental já está dado nesse conjunto de dizeres de transição: *diversidade* deixou o

universo do “mundo natural” e migrou para o social. A ênfase não recai mais sobre a fauna e a flora, mas sobre as identidades e os modos de inserção identitária no mundo corporativo. Com a queda da preposição, diagnosticamos a primeira fase do deslocamento.

Na passagem para o período polêmico (*Quadro 3*, mais acima), há total queda no uso da estrutura interna sintática complexa associada à palavra *diversidade* e consequente aumento de uso coordenativo – *diversidade e X* – ou de uso que chamamos intransitivo. Nesse cenário, *diversidade* ocupa o núcleo de uma frase nominal e vem frequentemente coordenada a outra frase nominal, geralmente nucleada pelo nome também morfologicamente complexo *inclusão* (*incluir* > *inclusão*). Representamos a estrutura de frase coordenada pelo símbolo &. O uso intransitivo, que prescinde de qualquer complementação ou adjunção sintática, resulta de um tipo de incorporação semântico-discursiva: o complemento, adjunto ou especificador do termo *diversidade* é sempre um argumento da ordem do pré-construído atrelado à pauta identitária (sexo, gênero etc.).

(7) Diversidade e inclusão.

(8)



A especialização mais recente do discurso polêmico em torno da *diversidade* joga, então, com duas estruturas. Apesar da diferença, em ambas depreendemos a independência, a autonomia que o termo passa a ter do ponto de vista sintático. Na primeira, *diversidade* apresenta-se sob a forma coordenada mais ou menos estável *diversidade e inclusão*. Embora, sintaticamente, não haja obrigatoriedade nessa junção – o que indica, no discurso polêmico, o funcionamento intransitivo do nome –, discursivamente, a coordenação implica um efeito de sentido de reforço e precisão. Admite-se, nessa estrutura, que *diversidade, tout court*, demanda vetorialização, ou seja, direcionamento para além do simples reconhecimento do que é diverso. *É preciso* algo em relação à *diversidade* e é aí que reside a completude do polêmico. Se, em *diversidade*

sexual, ainda vemos resquícios de uma “ideologia informativista” advinda do campo biológico, aqui isso quase não aparece. Mobiliza-se o *debate* (*O debate em torno da diversidade e inclusão*), é necessário *explicar o que é diversidade e inclusão nas empresas, é importante pensar, ações de diversidade e inclusão* são necessárias no mundo corporativo. É preciso *estar mais preparados* e também *trabalhar as competências de diversidade e inclusão*. Fala-se no que deve ser *um bom profissional de diversidade e inclusão*, do quanto *as empresas se tocam da importância da diversidade e inclusão* e que *O mundo está olhando para isso hoje*.

O discurso polêmico atinge o auge de sua apropriação do termo quando o torna independentemente de qualquer conexão. O nível de saturação ideológica coincide com a absolutização da *diversidade* pelo pré-construído de que “todo mundo sabe isso que não pode ser outra coisa que não o estatuto social identitário” de que a palavra extrai seu sentido: *Flamengo lança camisa em defesa da diversidade; Natura cria campanha a favor da diversidade; ... a relação entre diversidade e lucro é percebida no mundo inteiro; ... não têm políticas que promovam a diversidade, campanha pela diversidade, compromisso público com a respeito à diversidade*.

O tom passa a ser o da palavra de ordem, da incitação à ação, dado que *diversidade* é “isso que todo mundo sabe” e pelo que “todos devemos lutar”. Isso não está fora do mercado; é uma imposição, uma reivindicação e a razão mesma do *ser diverso*. A intransitividade da diversidade é o sintoma da apropriação neoliberal, não sua crítica.

Tratar *tudo* como mercadoria, segundo Harvey (2014), reflete uma *ética* que enxerga o mercado como um guia para todas as ações humanas. Dessa forma, a delimitação dos limites de mercantilização varia entre as sociedades e gera controvérsias sobre pontos específicos, por exemplo, a ilegalidade de certas drogas e a legalização ou a descriminalização e regulamentação do comércio de favores sexuais. Harvey destaca que a pornografia é amplamente protegida como

[a] divergência entre neoliberais e neoconservadores reflete em parte a diferença acerca de onde se devem traçar os limites. Os neoconservadores costumam culpar os “liberais”, “Hollywood” ou mesmo os “pós-modernistas” por aquilo que veem como dissolução e a imoralidade da ordem social, em vez de acusar os capitalistas corporativos (...), que de fato causam a maior parte do dano ao impingir todo tipo de material sexualmente carregado, quando não escandaloso, ao mundo e que exibem continuamente sua preferência absoluta pelos

compromissos de curto prazo aos de longo em sua incessante busca de lucros (Harvey, 2014, p. 179).

Diversidade, sob a perspectiva neoliberal, emerge na década de 2010 como uma questão ética imposta ao e fomentada pelo meio corporativo, especialmente sob um viés mercadológico, e pode ser considerada sob a égide de um efeito de sentido moral. *Diversidade* torna-se imune a questionamentos quando inscrita no universo midiaticizado, pois manifesta-se discursivamente (se tratando do discurso polêmico) como algo amplamente aceito – sua aceitação significa, em certos contextos, ser uma *boa pessoa*, um *bom cidadão* –, quase uma verdade universalmente reconhecida. Mercantilizar a diversidade, portanto, significa transformá-la em um produto que gera lucros dentro da dinâmica empresarial. A empresa vale-se da ideia de *representatividade* e comercializa *diversidade* como parte de sua estratégia publicitária, mantendo, no entanto, um compromisso contínuo com o mercado. Esse suposto *compromisso social* acaba, na prática, sendo absorvido pelo próprio mercado. Existe uma “[...] dinâmica própria, um caráter performativo forte: quanto mais é falada, mais o que ela defende – sem jamais exprimi-lo claramente – tem lugar⁵ (tradução nossa). Ao comparar *diversidade* com *multiculturalismo* Hazan (2006, p. 47) define o termo como “uma nebulosa em que é fácil se perder⁶” (tradução nossa). No caso do objeto aqui analisado, isto é suscitado pelo discurso polêmico, em que a divergência entre a competência técnica e a promoção da diversidade como critério de seleção, indica o acionamento de perspectivas distintas. Esta seria a tensão imbricada na *diversidade*.

Conclusão

Diversidade é um termo-pivô cuja mobilização midiática, mais intensamente a partir de 2017, associa a ideia de *ser diverso* à noção de *ser democrático*, *ser justo e igualitário*. Na atual conjuntura neoliberal, esse funcionamento cria efeitos ambíguos entre a promoção da luta pela igualdade e a fetichização da palavra como um atributo comercializável.

⁵ No original: “[...] dynamique propre, un caractère performatif qui fait sa force: plus elle est parlée et plus ce qu’elle défend – sans jamais l’exprimer clairement – a lieu” (Hazan, 2006, p. 21).

⁶ No original: “[...] une nébuleuse où il est facile s’égarer (Hazan, 2006, p. 47).

O termo foi deslocado, nas matérias *on-line*, do campo biológico para o sócio-identitário. Com efeito, no período 2006 a 2012, o discurso didático enquadra *diversidade* enquanto palavra descritivo-designativa do mundo natural. No *corpus*, a partir de 2013, a forma dominante do termo integra o sintagma *diversidade sexual* e assistimos aí à passagem do discurso didático para o polêmico. Neste último, *diversidade* vai adquirir, cada vez mais, o efeito de sentido de palavra de ordem e de “selo de qualidade”.

A intransitivização do nome deadjetival *diversidade*, no *corpus* analisado, é a marca de uma maior especialização do discurso polêmico, enquanto a transitividade, historicamente marcada pelas ocorrências no período 2006-2012, caracteriza o discurso didático. A mudança do didatismo biológico (2006-2012) para a polêmica identitária (2014-2022) reflete uma alteração no discurso, que se desloca do mundo natural para o social na inserção identitária no ambiente corporativo significado na mídia. Esse processo discursivo atinge seu ápice na saturação ideológica de *diversidade*, percebida no efeito de universalização atrelado ao estatuto social identitário.

Por essa mudança, concluímos que o neoliberalismo e a crescente demanda por direitos universais globaliza certas questões diagnosticáveis à luz de um de rol de palavras-chave do qual *diversidade* participa. Se, por um lado, isso indica um encaminhamento rumo à luta por equidade, por outro, não deixa de indicar a generalização das leis do mercado à insistência em certos termos. Ser pela diversidade não é apenas “ser mais justo” ou “igualitário”; é também entrar na ordem neoliberal contemporânea que fetichiza e torna irrefletidas certas verdades em detrimento de outras nos chavões e clichês da ordem do dia.

REFERÊNCIAS

- AMORIM Marília, *Raconter, démontrer, ... survivre: formes de savoirs et de discours dans la culture contemporaine*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2007.
- CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (ed.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn & Co, 1970. p. 184-221.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina Birck *et al.* São Carlos/SP: EdUFSCar, 2009.

- DUBOIS, Jean. Lexicologia e análise de enunciado. Tradução de Pedro de Souza. In: ORLANDI, Eni (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 103-118.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. 2. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. 5. ed. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2014.
- HAZAN, Eric. *LQR: la propagande du quotidien*. Paris: Éditions Raisons d'agir, 2006.
- KOGAWA, João; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. O pensamento instrumentalizado: sobre o funcionamento insuspeito do capitalismo de vigilância na linguagem e na educação. Santo André/SP: EDUFABC (no prelo).
- KORNAI, András; PULLUM, Geoffrey K. The X-Bar Theory of Phrase Structure. *Language* 66, no. 1, p. 24–50, Mar. 1990. DOI: <https://doi.org/10.2307/415278>.
- LILLA, Mark. *O progressista de ontem e o do amanhã: desafios da democracia liberal no mundo pós-políticas identitárias*. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2.ed. Tradução de Eni Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 1997.
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Recebido em 08/02/2024

Aprovado em 29/07/2024

Agradecimentos

Agradecemos os ensinamentos valiosos sobre o uso do *AntConc* dados pela mestrandia Ana Luiza Nunes (PPGL – UNIFESP) e por sua orientadora – nossa colega do PPGL – Profa. Dra. Marcia Veirano.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de contribuição dos autores

O artigo intitulado “O termo *diversidade* e seu deslocamento em portais de notícias: do discurso didático ao polêmico” foi escrito a seis mãos pelos seguintes autores e suas respectivas contribuições:

- 1) João Kogawa: redação integral da primeira versão em seus aspectos discursivos a partir de um esboço de três páginas elaborado pela autora Débora Kogawa. Toda a concepção do texto no quadro da Análise do Discurso de linha francesa é responsabilidade deste autor. Além disso, a sistematização do *corpus* no *AntConc*, que resultou nos quadros 1, 2 e 3 do artigo, também contou com sua participação.
- 2) Débora Elize Kogawa: redação do esboço inicial da proposta (três páginas iniciais). Sistematização do *corpus* no *AntConc*, em discussão com o primeiro autor. Inserção da discussão sobre neoliberalismo à luz de Amorim, Hazan e Harvey.
- 3) Indaiá de Santana Bassani: responsável pela leitura crítica do trabalho e pelo tratamento analítico-formal da materialidade linguística à luz da teoria X-barras. Dos três autores, é a única que tem formação em Gramática Gerativa para conferir esse tipo de tratamento. Entendemos haver produtividade nessa parceria, justamente porque a Linguística é um dos campos privilegiados do interesse de Pêcheux e seu grupo e é também, não raro, o ponto cego de muitos trabalhos em AD hoje.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

Artigo original e de alta qualidade. Rigoroso trabalho de constituição do *corpus* e de análise nos termos da Análise do Discurso de linha francesa. A interpretação recorre de modo embasado a teóricos da cultura contemporânea e de modo consistente no entrelaçamento das ideias desses autores com os resultados obtidos na análise. APROVADO

Marília Amorim – Université Paris 8, Paris, França; <https://orcid.org/0000-0001-8004-1424>; marilia66amorim@gmail.com

Parecer emitido em 09 de maio de 2024.

Parecer II

O artigo “O termo diversidade e seu deslocamento em portais de notícias: do discurso didático ao polêmico” apresenta uma análise profunda e metódica da evolução semântica do termo “diversidade” ao longo de um período significativo, de 2006 a 2022, em portais de notícias. O título é particularmente eficaz ao transmitir claramente o foco da pesquisa, enquanto o resumo fornece uma visão abrangente e instigante do conteúdo e metodologia do estudo. A estrutura do estudo é bem elaborada, guiando o leitor de forma lógica desde a introdução até as considerações finais. A escolha teórica da Análise do

Bakhtiniana, São Paulo, 19 (4): e65489p, out./dez. 2024

Discurso de linha francesa e a utilização da ferramenta *AntiConc* são justificadas e aplicadas de forma consistente ao longo do texto, o que fortalece a credibilidade da pesquisa. A análise dos dados é cuidadosa e perspicaz, revelando não apenas a mudança nos discursos em torno do termo “diversidade”, mas também sua complexa relação com questões identitárias e a economia de mercado. Este trabalho não só oferece uma contribuição original para o campo de estudos linguísticos, mas também levanta questões pertinentes e estimulantes para pesquisas futuras. A clareza e correção da linguagem, aliadas à solidez teórica e metodológica, garantem a qualidade e o impacto do artigo. Dessa forma, recomendo que o trabalho seja aceito para publicação na revista *Bakhtiniana*, onde certamente enriquecerá o debate acadêmico sobre o tema.

Leonardo Mozdzenski – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-4010-5507>; leo_moz@yahoo.com.br

Parecer emitido em 29 de abril de 2024.